

RECONCEITUAÇÃO DO ADJETIVO PARA A SALA DE AULA

Danilly de Sousa Bezerra ⁽¹⁾; Maria Jocimara Bezerra de Oliveira ⁽²⁾; Jorgevaldo de Souza Silva ⁽³⁾

¹Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), E-mail: danillygirl@gmail.com

²Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), E-mail: emy.una15@hotmail.com

³Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), E-mail: jorge.valdo@hotmail.com

RESUMO

Evidencia-se a importância de uma melhoria no ensino de Língua Portuguesa, principalmente, no que diz respeito às classes de palavras, especialmente do adjetivo, já que o mesmo é baseado em livros didáticos que seguem os dogmas pregados pela Gramática Normativa, sendo que esta, muitas vezes, torna-se insuficiente para ser trabalhada em sala de aula pelo fato de apresentar conceitos precários que ao invés de ajudar os discentes finda por confundir mais ainda a cabeça dos educandos; gerando problemas na aprendizagem e conseqüentemente desinteresse pela disciplina. Nessa perspectiva, o presente trabalho objetiva analisar livros didáticos, gramáticas normativas e manuais linguísticos. Pretende, também, rever o estudo das classes de palavras a partir dos aspectos mórficos, semânticos e sintáticos, especificamente da classe de palavra: adjetivo; além de identificar a ausência dos aspectos já citados, para em seguida, reformularmos uma nova definição. A pesquisa foi realizada por alunas do Curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – CFP/UFCG, na disciplina Morfossintaxe da Língua Portuguesa, em abril de 2017. Com o intuito de analisar livros didáticos, gramáticas normativas e linguísticas e observar a definição apresentada de adjetivo. Os resultados apontam uma defasagem dos conceitos mostrados nos livros, em que os mesmos não contemplam os critérios de forma apropriada. À vista disso, reformulamos um novo conceito da classe de palavra aqui já citada e esperamos com esta pesquisa contribuir de maneira sucinta para os novos trabalhos que possam ser feitos na área. São essas colaborações que fazem com que possa-se chegar às nossas escolas livros de língua portuguesa bem conceituados e de qualidade para os nossos alunos.

Palavras-chave: Ensino, Adjetivo, Defasagem.

INTRODUÇÃO

Ao discutirmos questões voltadas à história da gramática, voltemos à Grécia, pois foi lá que a mesma surgiu por volta do século V a.C. É importante destacar que o estudo gramatical das palavras passou por fases diversas e foram normativas durante

largos séculos, umas mais abertas às línguas nativas de um país e à sua variação, outras mais prescritivas (BRITO, 2010).

É preciso exceder a visão reducionista, a qual fomos alfabetizados, que faz da língua um aglomerado de regras a serem seguidas, prescritas pelos estudiosos do sistema linguístico, impostas pela gramática normativa. Pois não podemos ficar limitados apenas aos conceitos apresentados pela gramática tradicional, é necessário que conheçamos os demais campos por onde a mesma diverge.

Segundo Bagno (2011), é imprescindível desmitificar algumas ideias relacionadas à língua e ensino, já que a forma como o português é ensinado na escola é distinto daquele que usamos no dia a dia. A Gramática mostra-nos as regras, todavia quem movimenta e faz da língua um sistema vivo e versátil somos nós, agentes da comunicação.

O interesse voltado para esses estudos veio desde os tempos mais remotos, e isso se confirma através dos primeiros estudiosos, os quais se preocuparam com a retórica e também com os questionamentos feitos acerca da linguagem, são eles os sofistas e os filósofos pré-socráticos (GURPILHARES, 2004). Os sofistas eram vistos como homens sábios que atuavam como mestres na área da filosofia, ensinando de forma profissional e remunerada, a arte da política, garantindo o sucesso dos jovens nessa área. Diferente destes, os filósofos, preocupavam-se com a formação moral desses jovens.

Tinha-se como já frisado por Gurpilhares (2004), uma inquietação sobre tal questionamento: Haveria uma relação natural entre a forma e o significado de uma palavra? É com Platão que encontramos essa resposta, quando o mesmo escreve um diálogo (Crátilo) discutindo questões sobre a língua.

Platão e Aristóteles influenciaram bastante na área da linguística, o primeiro porque distinguiu de maneira clara os substantivos e verbos. O segundo com o seu conhecimento, contribuiu com as “categorias de pensamentos” conhecidas depois por categorias aristotélicas e que hoje conhecemos por classes de palavras (GURPILHARES, 2004).

Além desses estudiosos, havia outros, os estóicos, que também interessavam-se em estudar a língua. Para eles, ela seria como a expressão do pensamento, e por assim dizer, o emissor da expressão seria a voz. Por isso, dedicaram-se a gramática, a etimologia e a pronúncia, continuando na mesma linha de pensamento que os anteriores aqui já citados. Nesse sentido, o estudo estaria ligado a pesquisas filosóficas.

Deve-se destacar ainda, aos alexandrinos, pois foram os mesmos que iniciaram essa noção de certo e errado. Seus estudos eram repletos de dualidades,

entre elas estava a fala e a escrita, em que a escrita, unicamente, merecia destaque, sendo esta literária, e apenas ela poderia servir de base para a aristocracia. Consequentemente, a fala estava fora de análise e era vista como “erro”.

Foram através dessas contribuições de diferentes épocas que resultam as dez classes de palavras, apresentadas nos livros didáticos, como também nos manuais tradicionais: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. As quais foram redefinidas pelo linguista Mattoso e divididas em quatro: nomes, verbos, pronomes e conectivos.

Diante disso, percebemos que ainda hoje, nas salas de aulas, o ensino de classes de palavras sofre de uma inconsistência e precariedade em seus conceitos. Não é difícil encontrarmos em livros didáticos, por exemplo, que o adjetivo “é a palavra que qualifica os substantivos, atribuindo-lhe características”. Tendo em vista a importância do assunto tratado, e a limitação desses conceitos tratados nos manuais didáticos, como já dito anteriormente, pensamos em sugerir uma nova abordagem mais contemporânea e ampla da respectiva temática, constituindo um conceito que contenha forma, função e sentido, para que o aluno tenha mais segurança em reconhecer tal classe de palavra. Neste trabalho discutiremos estritamente os adjetivos; a partir de uma discussão baseada em livros didáticos, normativos e nas possibilidades teóricas vistas nos manuais de linguística. A partir desse arcabouço teórico, apresentaremos um conceito mais amplo de adjetivo, levando em consideração os seguintes critérios: sintático, mórfico e semântico.

O presente trabalho objetiva analisar livros didáticos, gramáticas normativas e manuais linguísticos. Pretende, também, rever o estudo das classes de palavras a partir dos aspectos mórficos, semânticos e sintáticos, especificamente da classe de palavra: adjetivo; além de identificar a ausência dos aspectos já citados, para em seguida, reformularmos uma nova definição, sendo esta mais consistente para quem ensina e mais relevante para quem aprende. Isso se justifica porque, apesar desse assunto ser estudado desde o ensino fundamental, mas por ser tratado de uma forma tão superficial que mesmo chegando ao nível médio, e em muitos casos, no nível superior, muitas pessoas tem dificuldade.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por alunas do Curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – CFP/UFCG, na disciplina Morfossintaxe da Língua

Portuguesa, em abril de 2017. Com o intuito de analisar livros didáticos, gramáticas normativas e linguísticas e observar a definição apresentada de adjetivo.

A nossa pesquisa é de natureza básica, uma vez que discutimos dados já existentes. Trata-se de uma pesquisa descritiva, tendo em vista que o assunto a ser tratado já foi explorado por outros autores. Quanto aos procedimentos ela é bibliográfica. E quanto a abordagem ela é quali-quantitativa, pois usamos como aparato teórico diversos livros divididos em: didáticos, normativos e linguísticos. Utilizamos no nosso trabalho, manuais didáticos tanto da rede pública quanto da privada. Por fim, realizamos um estudo comparativo desses e outros conceitos retratados nos livros, e em seguida, recriamos uma nova definição para os adjetivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) o ensino de Língua Portuguesa voltado para a gramática sempre foi ensinado de forma descontextualizada, tornando-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar. Dessa forma, o aluno é exposto a regras ditadas pela gramática normativa, e ao invés de aprender de fato, por exemplo, a diferença entre um substantivo e um adjetivo, apenas decodifica os conceitos por meio de exemplificações e memorização de nomenclatura para ir bem na prova e passar de ano. Conforme os PCN (2001, p. 90):

Saber o que é substantivo, adjetivo, verbo, preposição, sujeito, predicado, etc., não significa ser capaz de construir bons textos, empregando bem esses conhecimentos. Quando se enfatiza a importância das atividades de revisão é por essa razão: trata-se de uma oportunidade privilegiada de ensinar o aluno a utilizar os conhecimentos que possui, ao mesmo tempo que é fonte de conteúdos a serem trabalhados. Isso porque a os aspectos gramaticais— e outros discursivos como a pontuação— devem ser selecionados a partir das produções escritas dos alunos.

Percebemos que não é de hoje que há uma preocupação voltada para o estudo das classes de palavras, principalmente por parte dos linguistas que criticam a maneira como a gramática era tratada pelos antigos estudiosos, e infelizmente, na atualidade, em muitas escolas ainda perpetua-se um ensino voltado exclusivamente para a gramática tradicional, como se esta fosse a única dona da verdade. Para Perini (1996, p.22) “elas são arcaicas, tanto na descrição que oferecem quanto nas teorias em que se baseiam. ” Baseando-nos na definição dada por Perini (1996), ressaltamos como é insuficiente trabalhar apenas com as definições apresentadas nas gramáticas normativas, sendo que as

mesmas, muitas vezes, tratam os conteúdos de maneira superficial, deixando muitas lacunas e por consequência gerando inúmeras confusões na cabeça dos alunos. Tratando-se das classes de palavras é evidente que não se pode levar em consideração um ou dois critérios e desconsiderar o outro, é necessário adotar os três, já que cada um abrange uma área diferente; o critério sintático apoia-se na função ou papel que ele desempenha na oração; o semântico baseia-se na significação (extralinguístico e intralinguístico) e o mórfico nas características da estrutura do vocábulo.

Durante as pesquisas, observamos que há uma dificuldade em demarcar uma fronteira entre as duas classes de palavras: adjetivo e substantivo, o que acaba confundindo a aprendizagem dos alunos, principalmente aqueles que estão tendo o primeiro contato com esses conteúdos. Segundo Bechara (2009), em seu capítulo “formas e funções”, do livro *Moderna gramática Portuguesa*, a gramática geralmente abrange numa mesma relação palavras de diferentes grupos, bem como: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronomes e as demais classes. O autor ainda ressalta que, apesar desse assunto ser prioridade nas aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental, por não ser tratado da maneira como deveria ser, acaba por gerar ambiguidades nos estudantes, pois ora tem-se uma mistura de critérios e ora falta-os. Notamos que em muitos livros são colocadas palavras de natureza e funcionalidade distintas de maneira aleatória, gerando complexidade no entendimento dos discentes. Conforme Bechara (2009), para não causar essa confusão, é necessário distinguir alguns aspectos, são eles: significado lexical, categorial, instrumental, estrutural ou sintático e ôntico.

O adjetivo, muitas vezes, é confundido com o substantivo, pois se assemelham em alguns pontos, já que assim como este, aquele também apresenta flexão em gênero, número e grau. Todavia, o grau não concebe, na nossa língua, um processo gramatical, sendo assim, é excluído da nossa descrição. Quanto as regras de plural em grande maioria, são as mesmas aplicadas ao substantivo. (BECHARA, 2009).

Segundo Cunha e Cintra (2008), para evitar equívocos, é necessário que façamos uma distinção entre o morfema lexical e o morfema gramatical para que posteriormente possamos correlacionar cada um deles com as classes de palavras.

São morfemas lexicais os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo. São morfemas gramaticais os artigos, os pronomes, os numerais, as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como as formas indicadoras de número, gênero, tempo, modo ou aspecto verbal (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 91- 92).

De acordo com Leite e Figueiredo (2010), as gramáticas elencam os adjetivos e substantivos e os definem isoladamente, ou seja, não levam em consideração a função das palavras nas orações da língua. Por meio de análises e estudos

linguísticos, verifica-se que há um equívoco da definição dada ao substantivo, como sendo nome, e adjetivo, como sendo qualidade.

Diante de tantos conceitos insuficientes para trabalhar em sala de aula e de uma gramática tão questionada, fica difícil para os educadores escolherem qual caminho deve seguir, já que em muitas escolas não é permitido que o professor faça uso de outros materiais, ficando preso somente ao livro didático adotado pela escola. A respeito disso, nos questionamos, qual é o verdadeiro papel da escola diante disso? Com o intuito de responder essa indagação Neves (2008), ressalta que: “a escola tem o papel de ativar uma constante reflexão sobre a língua materna, contemplando as relações entre uso da linguagem e atividades de análise linguística e de explicação da gramática”. (NEVES, 2008, p. 18).

Conforme Travaglia (2008), é necessário que os materiais ofertados para o ensino de língua portuguesa sejam baseados tanto na perspectiva linguística, quanto nos estudos tradicionais, pois só com esse diálogo entre as duas correntes poderemos fazer uso de ótimas ferramentas para o estudo de língua materna. Logo, cabe ao professor conhecer a diversidade de títulos e materiais disponíveis nos livros oferecidos tanto pela gramática normativa, como dos manuais de linguística, e posteriormente, fazer um planejamento e dispor com eficiência as estratégias pensadas para que deste modo haja uma mudança no ensino.

A gramática tradicional mostra que devemos usar critérios diferentes para classificar os adjetivos/substantivos; geralmente critério semântico para o substantivo e o sintático para o adjetivo. O que nos permite compreender que, muitas vezes, há uma insuficiência na classificação de classes de palavras por critério único, afirmando que é preciso que se tenha o uso simultâneo dos três critérios: semântico, mórfico e sintático, a partir dessa perspectiva percebemos a importância de descrevê-los, contribuindo assim, para um estudo mais abrangente. Esta análise vem com o intuito de auxiliar professores que realmente se preocupam em trazer um estudo significativo da classe de palavra adjetivo para a sala de aula, dando aos discentes a oportunidade de conhecê-la de forma mais profunda e notável.

Vejamos como o adjetivo é definido nas gramáticas normativas dos respectivos teóricos: Bechara (2009); Cunha e Cintra (2008); Lima (2012). De acordo com Bechara (2009; p. 142) “É a classe de lexema que caracteriza por constituir a delimitação, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado”. Conforme Cunha e Cintra (2008, p. 259):

O adjetivo é essencialmente um modificador do substantivo. Serve para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes: uma qualidade (ou

defeito); o modo de ser; o aspecto ou aparência, o estado. Estabelece junto com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc.

Já Lima (2012, p.141), define-o da seguinte maneira: “Palavra que restringe a significação ampla e geral do substantivo”.

Em vista disso, constatamos que de todas as definições a que achamos mais completa foi a de Cunha e Cintra, na qual encontram-se os critérios semântico e sintático. No entanto, torna-se insuficiente por não apresentar o critério mórfico. Sendo assim, ampliamos o conceito de adjetivo, acrescentando-lhe também tal critério, definindo-se então, da seguinte maneira: O adjetivo é essencialmente um modificador do substantivo. Serve para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes: uma qualidade (ou defeito); o modo de ser; o aspecto ou aparência, o estado. Estabelece junto com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. O adjetivo pode variar em gênero que podem ser biformes, ou seja possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino; uniformes, possuem uma única forma para os dois gêneros; em número (singular e plural) e grau (comparativo e superlativo).

Analisemos agora, como a respectiva classe é definida nos manuais linguísticos, tomando por base os respectivos teóricos: Castilho (2010); Mattoso (1996); Neves (2011). Segundo Castilho (2010, p. 511- 518):

Adjetivo e substantivo compartilham as propriedades morfológicas de gênero e número, afastando-se no seguinte: O adjetivo aceita flexão de grau, expressa por sufixos produtivos (como em branquíssimo), ou por terminações que são vestígios do latim (como em maior, menor, melhor, pior) ou por Especificadores e complementadores: [mais Adj do que X], [tão Adj como X], [o mais Adj dos X], como em “ mais branco do que neve”, “tão branco como a neve”, “a mais branca das neves”. O adjetivo funciona como adjunto adnominal, no interior do sintagma nominal; como núcleo de minissentença, no interior do sintagma verbal; como adjunto adverbial, fora da sentença e dispõe de propriedades de transitividade, concordância, colocação.

Para Mattoso (1996):

Adjetivo é a palavra variável que serve para modificar o substantivo. Pertence à classe do adjetivo toda palavra que produz oposições formais, correspondentes ao grau positivo e ao grau superlativo. Toda palavra variável que se deixar preceder pelos advérbios correlativos tão ou quão, de preferência o primeiro, pertencente ao dialeto coloquial. Pertence à classe do adjetivo toda palavra que exprime qualidade.

De acordo com Neves (2011, p. 173) “Os adjetivos são usados para atribuir uma

propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades) denominada por um substantivo”.

Assim sendo, concluímos que das definições a cima a mais completa é a de Mattoso, não deixando a desejar em nenhum aspecto, já que apresenta os três critérios: mórfico, semântico e sintático. Depois de verificarmos as definições expostas nas gramáticas normativas e nos manuais de linguística, atentaremos agora para os livros didáticos de alguns autores retratados abaixo:

Conforme Duarte e Lima (2000, p. 45) em relação ao critério mórfico, pontuam que:

O critério mórfico ou formal se baseia na flexão e derivação. Assim, uma classificação que divide os vocábulos em variáveis e invariáveis, por exemplo, está usando um critério formal, porque se fundamenta na possibilidade ou não de flexão. Do mesmo modo, quando se diz que “os adjetivos aceitam sufixo -íssimo” também está-se usando o critério formal, uma vez que se faz referência à derivação.

Nesse caso, dizemos que é um critério que também estuda a palavra isoladamente. E em relação à flexão e a derivação, é porque uma palavra pode caracterizar-se. Vejamos o que dizem ABAURRE et al. (2008), no livro didático do segundo ano do ensino médio:

Adjetivos são palavras variáveis que especificam o substantivo, caracterizando-o. Essa especificação pode referir-se a uma qualidade, a um estado, a um aspecto ou aparência, a um modo de ser particular. Além de caracterizarem os referentes substantivos, os adjetivos cumprem uma outra importante função: estabelecer, com o substantivo, relações de tempo, de espaço, de finalidade, de procedência, etc. (ABAURRE et al. 2008, p. 307).

Ainda com relação aos critérios, Duarte e Lima (2000), destacam que o critério funcional ou sintático tem como base a função da palavra num sintagma. Enquanto os critérios mórficos e semânticos podem ser aplicados ao vocábulo isolado, este toma o vocábulo em sua relação com os outros. Também se emprega, por exemplo, quando se diz que o “adjetivo determina o substantivo”, na realidade temos aí uma relação do adjetivo com o substantivo, observamos então como o adjetivo se comporta em relação a outro vocábulo num sintagma, no caso, o sintagma nominal. Daí, por exemplo, além do critério semântico, veremos também o sintático e o mórfico presente no livro de Cereja e Magalhães (2000 p. 51-53):

Adjetivo é a palavra que caracteriza os seres. Refere-se sempre a um substantivo explícito ou subentendido na frase, com o qual concorda em gênero e número. O adjetivo também exerce nas orações funções de adjunto adnominal, predicativo do sujeito e predicativo do objeto. Pode passar a advérbio e funcionar como adjunto adverbial.

Como qualquer outra classe pode também se substantiva-se.

Nessa perspectiva, percebemos que o adjetivo também assume uma característica do substantivo que podem ser expressas tanto na forma masculina quanto na forma feminina, nesse caso, o gênero. Como também em número (singular e plural).

Segundo Sarmiento e Tufano (2004, p. 207), no livro didático do ensino médio, definem o adjetivo da seguinte maneira: “são palavras que qualificam os substantivos, atribuindo-lhes características.” Percebemos que essa definição é uma das mais recorrentes em livros didáticos, tanto no ensino médio como no ensino fundamental. Vale ressaltar que este conceito, toma para si o critério semântico, visto que se apoia na propriedade comum dos substantivos de “nomear os seres.” Porém, torna-se muito evasivo, pois deixa a desejar e é muito limitado, não permitindo que os alunos possam suprir seus questionamentos e dúvidas em relação a esta classe de palavra. Dessa forma, percebemos que faltam os critérios sintáticos e mórficos, que viriam a contribuir de maneira mais completa para este livro, pois também é importante levar em consideração as palavras que são postas no ambiente em que estão inseridas.

Logo, destacamos que o livro dos autores Cereja e Magalhães (2000), está mais completo, permitindo que os educandos encontrem nele os três critérios que precisarão para dar suporte no momento em que estiverem estudando essa classe de palavra, bem como, para todos os anos letivos e também para a vida.

CONCLUSÃO

São muitas as reflexões feitas sobre o tratamento da escola da linguagem. A palavra dá corpo ao pensamento, aos próprios sentimentos, às sensações e embora estes não tenham a precisão de uma materialização que a linguagem verbal é capaz de criar. A relação do ser humano com o mundo em que vivemos é mediada por símbolos, estes mesmos símbolos que são a própria linguagem. Todas essas reflexões vêm se construindo ao longo do tempo, seguindo um percurso na tentativa de cada vez mais encontrar uma forma significativa para ajudar aos alunos principalmente em suas aulas de gramática. Estudar as classes de palavras conforme elas deveriam ser ensinadas tem sido uma tarefa muito importante mas também complexa.

Tentaremos então com um novo conceito dado por nós, possibilitar uma visão mais organizada de maneira que atribua na mesma os três critérios para

a classe de palavra adjetivo bem como contribuir para o ensino-aprendizagem dos alunos, eles que na sala de aula buscam obter maiores conhecimentos. Tal nova concepção para contribuir ainda mais para esse conhecimento, é a seguinte: Adjetivo é a palavra variável que modifica e qualifica de maneira fundamental o substantivo, concordando explicitamente em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural). Cumprem a função de expressar e estabelecer com o substantivo relações de tempo, finalidade, estado, espaço, etc. Designando assim especificações.

Esperamos com esta pesquisa contribuir de maneira sucinta para os novos trabalhos que possam ser feitos a partir desta classe de palavra aqui já citada. São essas contribuições que fazem com que possam chegar as nossas escolas livros de língua portuguesa bem conceituados e de qualidade para os nossos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B.; PONTARRA, M. Adjetivo. In: **Português: Contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008, p. 306- 320.

BAGNO. M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 145 p.

BECHARA, E. Formas e funções. In: **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 109- 112.

_____. Adjetivo. In: **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 142- 152.

BRASIL. M. da E. S de E. F. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa (1º e 4º ciclos do ensino fundamental)**. v. 2. Brasília: MEC, 2001. p. 144

BRITO, A.M. **Gramática: história, teorias, aplicações**. Porto, 2010.

CINTRA, L.; CUNHA, C. Adjetivo. In: **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008, p. 91- 92.

CAMARA JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, Vozes, 1970.

CASTILHO, A.T. O sintagma adjetival. In: **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 511- 539.

DUARTE, P. M; LIMA, M.C. **Classes e Categorias em Português**. Fortaleza: EUFC, 2000.

GURPILHARES, M.S.S. **As bases filosóficas da gramática**

normativa: uma abordagem histórica. Janus, lorena, ano 1, 2º semestre de 2004.

LEITE, I. K. I.; FIGUEREIDO, J. G. DOS S. **Divergências conceituais: gramática normativa x descritiva.** Revista graduando, Bahia, jul/dez. 2010.

LIMA, R. Adjetivo. In: **Gramática normativa da língua portuguesa.** 50ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2012, p. 141-152

NEVES, M. H. de M. O tratamento escolar da gramática: In: **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 17-26.

NEVES, M. H. de M. O Adjetivo. In: **Gramática e usos do português.** 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2011. p. 173-226.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 1996.

SARMENTO, L. L.; TUFANO, D. Adjetivo e numeral. In: **Português: Literatura, Gramática, Produção Textual.** São Paulo: Moderna, 2004, p. 207- 210.

TRAGAGLIA, L. C. O ensino de gramática. In: **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 9-13.